

N um dos últimos números da NRF, escrevendo sobre a tradução, Maurice Blanchot dá a esta a honra de a considerar de igual para igual com as outras formas da literatura. Se isto à primeira vista nos choca, é porque a condição degradada a que levaram a arte de traduzir já mal nos deixa vislumbrar que, a esse título, não se inscrevem apenas as barbaridades quotidianamente despejadas pelos prelos, no afã simultâneo de andar depressa e de pagar mal; pois que uma coisa e outra são, sem dúvida, os grandes obstáculos à possibilidade de uma arte de traduzir, no mesmo tempo.

Mas, como essa arte é possível, embora obrigada a tornar-se rara pelos condicionalismos que amesquinham o traduzir a fazê-lo sem arte (só sem arte, ainda é a melhor das hipóteses, porque em geral é também sem gramática, e até sem vergonha), e como sempre se dá de quando em quando o milagre de uma bela tradução, é ainda legítimo, portanto, meditar sobre o tema. O que fez um autor alemão citado por Blanchot, a uma de cujas idéias quero juntar alguns comentários, pelo que nela há de muito sugestivo, apesar de fora da comum idéia que temos sobre o que seja traduzir. (Trata-se, escusado seria dizer, da tradução de obras literárias, apenas).

A mentalidade mais generalizada funciona a respeito de traduções, numa órbita cujo reduzido diâmetro não faz muita honra à nossa época; realmente, quantos pensam em mais alguma coisa do que a "significação", quando não apenas do "enredo", das traduções que lêem? E' que a grande maioria dos leitores nem quando lê os escritores de sua própria língua sabe que nas suas obras se contém mais do que os já aludidos significação e enredo; mas, mesmo o público que, em português, sabe distinguir a superioridade do artista em Eça ou em Machado, relativamente a qualquer contemporâneo deles, mesmo esse já mais reduzido público não faz maior exigência em se tratando de uma tradução de Tolstoi ou de Balzac, de Goethe ou de Dickens. E' que o romance (e falar em tradução de literatura é quase só falar em romance, tão infinitesimal é a parte da poesia, e pouco maior a do teatro) dá a ilusão de que pode perder certos elementos (precisamente os mais difíceis de transportar de uma língua para outra), e raro é o leitor que se queixará de que um grande romance estrangeiro chegue ao seu conhecimento numa tradução pela qual será impossível saber se o autor escreve melhor ou pior do que outro qualquer, e da mesma forma se a sua língua é afim ou não da de outro contemporâneo que na mesma tenha escrito, ou ainda se um autor é de um século ou de outro... A esquematização da arte de traduzir numa técnica em que se tem como ótimo que se salve o sentido e a gramática não permite, evidentemente, que tenha sentido aquilo que vou traduzir de Blanchot. Diz ele, expondo idéias de Walter Benjamin:

"O tradutor é um escritor de singular originalidade, na medida em que parece, precisamente, não reivindicar nenhuma. E' o secreto senhor da diferença das línguas, não para a abolir, mas para a utilizar, a fim de fazer surgir, na sua, graças às violentas ou sutis modificações que lhe impõe, uma presença daquilo que, no original, é originalmente diverso". Isto quer dizer que se dá como entendido que o tradutor seja um escritor. Ora, a respeito da "diferença", ainda são mais concretas e talvez escandalosas até, as idéias de outro autor citado por Blanchot, Rudolf Panwitz,

Traduzir

ADOLFO CASAI MONTEIRO

e era a estas que eu queria chegar, deixando de parte, com pena, outras que, de Blanchot ou Benjamin, dariam muito que conversar. Panwitz:

"As nossas versões, até as melhores, baseiam-se num princípio falso: pretendem germanizar (o autor é alemão) o socrítico, o grego, o inglês, em vez de sanscritizar o alemão, de o helenizar, de o anglicizar. Há nelas mais respeito pelos usos da sua própria língua do que pelo espírito da obra estrangeira... O erro fundamental do tradutor consiste em estereotipar o estado em que se acha por acaso a sua própria língua, ao contrario de a submeter ao violento impulso que vem de uma língua estrangeira".

Se Blanchot acha a idéia "surpreendente", muitos haverá que a considerem, sem mais exame, uma coisa sem pés nem cabeça. Outros, menos inflamados, hão-de pensar que isso seria uma dupla desnaturação, a do original e a da língua. Mas uns e outros não terão dado conta da idéia profunda e fecunda que ali se acha expressa.

De há algumas dezenas de anos para cá, como se sabe, muita coisa mudou no que se refere às exigências da tradução. Entre 1920 e 1930, por exemplo, Dostoiévski adquiriu praticamente nova fisionomia, na França, com a coleção de "Classicos Russos" empreendida pelas "Editions Bossard" (coleção que veio depois a ser incorporada pela "Gallimard"); até aí, Dostoiévski vinha sendo conscientemente posto à medida do suposto "gosto francês", o que não tinha nada de novo, pois que esse tipo de adulteração "bem intencionada",

é, afinal, o próprio espírito que durante séculos presidiu à concepção geral do que era traduzir.

Com efeito, o gosto da autenticidade, de que o exemplo dado é apenas um entre muitos (que prevaleceu ao ponto de se ter instituído na França um prêmio da "melhor tradução", baseado na fidelidade sem prejuízo da qualidade literária), não é senão uma das expressões da busca do "específico", do que contraria os nossos hábitos mentais e assim nos enriquece (não confundir com o "exótico") — quando toda a tradição ia precisamente no sentido de adular esses hábitos. Trata-se, indiscutivelmente, duma das muitas formas que assumiu a vontade de universalização, o começo do movimento que há-de pôr termo aos "imperialismos culturais" — que não passam de uma das faces dos outros.

Mas o ponto tocado por Panwitz é diverso. A busca da autenticidade não implica forçosamente o que se exprime na idéia de enriquecimento de cada língua pelas modificações que nela introduziram o espírito da língua da qual se traduz. Uma tradução pode ser racionalmente fiel e autêntica, sacrificando, porém, a personalidade linguística do original. Aparentemente, assim deve ser. Mas Panwitz vê para além desta ilusória fidelidade, e encara de fato a tradução como obra de arte original, embora não infiel, ultrapassando os dois conceitos, supostamente contraditórios, de respeito pelo original e de respeito pela tradução da língua para a qual se traduz. Porque se diria à primeira vista que, para ser fiel ao

original, se passa a ser infiel ao espírito da nossa língua.

Na realidade, o que Panwitz reclama para a arte de traduzir é uma atitude idêntica àquela que sempre presidiu ao enriquecimento da língua consubstancial à renovação da literatura. Ora, a verdade é que esse enriquecimento só tardiamente, e sem vantagem, acaba de beneficiar a tradução. Enquanto a língua de Hemingway ia influenciando em muitos países a linguagem do romance, as suas traduções eram feitas na linguagem naturalista. E quero dar aqui um testemunho pessoal, que explicará o interesse que me despertaram as idéias aqui discutidas. Traduzi há uns dez anos, para uma coleção portuguesa de romances, o admirável *Adeus às Armas*, de Hemingway, que até aí só tinha sido publicado no Brasil. Ora, a língua de Hemingway, como disse ao prefaciá-la, podia ser precisamente um revitalizador da nossa prosa romanesca, pela extraordinária eficiência da sua frase, curta, mas carregada de poder expressivo pela concentração no mínimo de palavras do máximo de poder de comunicação. Achava — e continuo achando — que não podia haver melhor cura para o estilo predominante no nosso romance, sobre o qual pesa ainda muito ranço fradresco, malgrado as injunções de vitalidade com que a benevolência de Eça de Queiroz, e que talvez tivessem tido o seu necessário prolongamento contemporâneo se tivesse nascido entre nós um Fernando Pessoa do romance. Ora, o que tentei fazer com essa tradução segue precisamente a lição de Panwitz: encontrar maneira de enriquecer a língua portuguesa tentando, ao contrario do "meter dentro" do estilo de José Régio ou de Alves Redol, ou de Vergílio Ferreira, meter Hemingway dentro da literatura portuguesa. A minha opinião (suspeticíssima neste caso, evidentemente...) é que vale a pena tentar a experiência.